

RACISMO E LINGUAGEM: TRAÇANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

RACISM AND LANGUAGE: PLACING PATHS TO ANTI-RACIST EDUCATION

*Juliana Araújo de Andrade*¹

*Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti*²

RESUMO

No presente trabalho, trazemos uma amostra da nossa proposta de intervenção aplicada em escola pública no Estado da Paraíba, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS – UFPB), em que focamos no desenvolvimento da leitura crítica através da análise de *memes*. Aqui, descrevemos como se deu apenas uma das atividades realizadas, fazendo um recorte temático, pois o nosso objetivo consiste em discutir sobre o racismo observado em algumas construções linguísticas. Segundo Kilomba (2019), o racismo é discursivo, se propaga através da linguagem que utilizamos, e, nós, professores e professoras de linguagens, devemos atentar para esse fato principalmente em nossas aulas, para contribuir com uma educação antirracista e ajudar a não perpetuar a discriminação racial no Brasil. Assim, partimos do aporte teórico, traçando discussões através das falas de Kilomba (2019), Ribeiro (2018; 2019), Almeida (2019), dentre outros, para, então, demonstrar um exemplo de atividade que realizamos em sala de aula, e que, centrada na análise de algumas frases racistas que são utilizadas em nosso cotidiano sem que observemos a carga discriminatória que carregam, mostrou-se bastante eficaz para proporcionar a reflexão antirracista necessária.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Educação. Racismo.

ABSTRACT

In the present work, we present a sample of our intervention proposal applied in a public school in the State of Paraíba, linked to the Professional Master's Program in Letters (PROFLETRAS - UFPB), in which we focus on the development of critical reading through the analysis of memes. Here, we describe how only one of the activities was carried out, making a thematic cut, since our objective is to discuss about the racism observed in some linguistic constructions. According to Kilomba (2019), racism is discursive, it spreads through the language we use, and we, teachers of languages, must pay attention to this fact mainly in our classes, to contribute to an anti-racist education and help not to perpetuate racial discrimination in Brazil. Thus, we started with the theoretical contribution, tracing discussions through the statements of Kilomba (2019), Ribeiro (2018; 2019), Almeida (2019), among others, to then demonstrate an example of activity that we carry out in the classroom, which, centered on the analysis of some racist phrases that are used in our daily lives without observing the discriminatory burden they carry, proved to be quite effective in providing the necessary anti-racist reflection.

KEYWORDS: Language. Education. Racism.

Introdução

O racismo tem sido constantemente debatido atualmente, devido a várias manifestações ao redor do mundo contra a violência policial dirigida a pessoas negras. Apesar da atual visibilidade do assunto,

¹ Mestra em Letras pelo PROFLETRAS, na Universidade Federal da Paraíba. Professora de Língua Portuguesa nas redes municipal e estadual da Paraíba, julianadonaldcobain@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7678-9031>.

² Doutora em Linguística e professora Associada da Universidade Federal da Paraíba, marineumaoliveira@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7366-4826>.

sabemos que o racismo sempre existiu e estrutura profundamente a sociedade brasileira, de modo que se trata de um problema sempre estrutural, como afirma Almeida (2019). Assim, o racismo pode ser observado em diversas instâncias, sejam elas sociais, institucionais ou, até mesmo, linguísticas. Segundo Kilomba (2019), o racismo é discursivo, se propaga através da linguagem que utilizamos, e, nós, professores e professoras de linguagens, devemos atentar para esse fato principalmente em nossas aulas, para contribuir com a desconstrução e a inutilização de frases e expressões racistas, que ajudam a fomentar a discriminação racial no Brasil.

No presente trabalho, trazemos uma amostra da nossa proposta de intervenção aplicada em escola pública no Estado da Paraíba, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS – UFPB), em que focamos no desenvolvimento da leitura crítica através da análise de *memes*. Contudo, tivemos a oportunidade de associar outros textos aos *memes* por aproximação temática, de modo que discutimos sobre racismo, machismo e homofobia a partir da leitura desses textos. Assim, o principal objetivo do projeto consistiu em fazer com que o aluno fosse capaz de transpor a mera decodificação linguística na leitura, passando a analisar criticamente as mensagens preconceituosas e discriminatórias veiculadas através dos textos, de falas, comentários etc.

Desse modo, a nossa proposta de intervenção em sala de aula se dividiu em cinco oficinas, cada uma com atividades específicas, voltadas para o desenvolvimento de habilidades de leitura, de conceitos linguísticos, de multiletramentos, da leitura crítica, principalmente, dentre outros. Aqui, descrevemos como se deu apenas uma das atividades realizadas, fazendo um recorte temático, pois o nosso objetivo consiste em discutir sobre o racismo propagado através da linguagem. Assim, partimos do aporte teórico, traçando discussões a partir de Kilomba (2019), Ribeiro (2018; 2019), Almeida (2019), dentre outros, para, então, demonstrar um exemplo de atividade que realizamos em sala de aula, e que, centrada na análise de algumas frases racistas que são utilizadas em nosso cotidiano sem que observemos a carga discriminatória que carregam, mostrou-se bastante eficaz para proporcionar a reflexão antirracista necessária.

1. De Grada Kilomba a Djamila Ribeiro: traçando caminhos teóricos para analisar o racismo na linguagem

Sabemos o quanto é comum escutarmos ou até mesmo falarmos frases racistas do tipo “a coisa tá preta” e “senti uma inveja branca de você”, sem o menor constrangimento, pois não aprendemos a analisar criticamente a linguagem que utilizamos para nos comunicar. Frases como essas podem parecer simples metáforas, se analisadas do ponto de vista dos estudos da gramática normativa. Porém, como será destrinchado a seguir, funcionam como construções linguísticas que, dentro de um contexto social específico, contribuem para a disseminação da discriminação racial, uma vez que sua formulação se baseia na polarização BRANCO = BOM *versus* NEGRO/PRETO = RUIM.

Acerca dessa divisão, Kilomba (2019), ao investigar o racismo sob a perspectiva da psicanálise, nos traz uma reflexão bastante interessante sobre como o sujeito branco se constrói a partir da negação

e da projeção de sua parte ruim, malévola, no Outro, o qual se torna uma representação mental daquilo que esse sujeito branco teme ser: o bandido, o indolente. Assim, atribuem-se características para o Outro que são recusadas para si próprio, em defesa do ego. De acordo com a autora, no racismo, essa recusa se dá de maneira que se mantenham estruturas de exclusão racial, em que o sujeito negro estaria tomando o que é do sujeito branco, e não o contrário, por isso mereceria ser excluído. O oprimido torna-se, portanto, o tirano, e o sujeito branco apresenta-se dividido: a parte acolhedora e benevolente é vivenciada como o Eu; e a parte rejeitada e malévola é projetada sobre o Outro³.

Segundo Kilomba (2019), isso permite que o sujeito branco mantenha sentimentos positivos com relação a si próprio, relacionando a branquitude à parte boa do ego, enquanto que a parte má, projetada em objetos externos que são vistos como ruins, é associada ao sujeito negro, incorporando à negritude os aspectos reprimidos pela sociedade branca. Desse modo, podemos afirmar que há uma cisão entre o que seria considerado bom ou ruim, estando o branco ligado ao primeiro, e o negro, ao último. Logo, o que observamos com o uso de frases racistas, como “a coisa tá preta”, é a transposição dessa cisão em palavras, as quais ajudam a disseminar o racismo, por associar aspectos relacionados ao negro, como sua cor, a algo ruim, ou até mesmo o próprio sujeito negro, vide a expressão “serviço de preto”, utilizada para designar um serviço mal feito. Ou seja, não se tratam de meras metáforas.

Assim, Kilomba (2019) afirma que o racismo é discursivo, se dá no âmbito da linguagem que colocamos em prática. Sobre essa questão, Paiva (1998, p. 105) considera que “metáforas que se utilizam de signos que representam a cor negra, [...] que chamarei de Metáforas Negras introjetam no falante o preconceito racial/social”, já que “fazem parte de nosso sistema conceptual e seu uso intenso faz com que o falante incorpore, e passe a considerar como seus, valores preconceituosos que permeiam a linguagem” (Ibidem, 1998, p. 105). A autora continua:

Em uma sociedade preconceituosa, o negro é visto como ser inferior, primitivo, retardado, perverso, desonesto, tolo, possuidor de maus instintos, sujo, irresponsável, preguiçoso, incapaz etc. Esses preconceitos tornam-se traços semânticos das palavras preto/negro que vão sendo reproduzidos nas inúmeras metáforas que utilizam essa cor (Ibidem, 1998, p. 109).

Analisando a significação das palavras “negro” e “preto” segundo alguns autores e dicionários, em diversas línguas, Paiva (1998) nos mostra como os traços semânticos que compõem essa significação designam o negro de forma pejorativa, pois ele é o “inimigo, funesto, pervertido, execrável, horrendo, pavoroso e odioso” (Ibidem, 1998, p. 111), dentre outras designações. Assim, a metáfora “a situação está preta/negra”, por exemplo, é formada, segundo a autora, a partir da ideia implícita de que “preto/negro é ruim, adverso”, para descrever uma ideia real: “alguma coisa não está bem”. Essa ideia implícita, portanto, é introjetada em nossas mentes, tornando-se um atributo das palavras preto/negro.

³ A autora problematiza, na tradução de seu livro para a língua portuguesa, o uso de alguns termos que, segundo a mesma, evidenciam relações de poder e de violência, como “sujeito”, “objeto”, “negro”, dentre outros, principalmente porque, no caso dos dois primeiros, não abarcam o gênero feminino. Assim, a autora opta por sinalizar esses termos em itálico, entre aspas etc. Porém, preferimos não utilizar essa sinalização na escrita deste trabalho, para não confundir sua leitura, já que não há espaço suficiente para expor toda essa problemática. Todavia, recomendamos fortemente o aprofundamento das discussões propostas pela autora, bastante pertinentes aos estudiosos da linguagem, e que se encontram na obra *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, cuja referência está listada ao final do artigo.

De forma oposta, a palavra “branco”, na construção dessas metáforas, relaciona-se a traços semânticos que designam o que é bom, puro, isento de maldade. Como exemplo, a autora analisa a metáfora “negro de alma branca” como expressão do preconceito criada pelo branco. Para Paiva (1998), “negro de alma branca” é utilizado originalmente de forma positiva, como se fosse um elogio, significando “um negro com qualidades do homem branco” (Ibidem, 1998, p. 113). Do mesmo modo, podemos considerar que a expressão “inveja branca” associa dois termos, um de significação negativa (inveja), e outro de significação positiva (branca), para se referir a uma inveja pura, sem maldade, reforçando a polarização entre NEGRO/PRETO = RUIM X BRANCO = BOM.

De acordo com Paiva (1998), essas metáforas só podem ser entendidas dentro de um contexto social que gera condições de uso e de interpretação, pois não fariam sentido caso ocorressem dentro de uma sociedade onde as palavras preto/negro só significassem a cor, ou seja, sua significação é construída “socialmente e os preconceitos atuam fortemente nessa construção” (Ibidem, 1998, p. 117). Assim, para a autora, tomar consciência da linguagem é uma forma de deixar de ser veículo inconsciente de disseminação da discriminação racial. Ribeiro (2019), em seu *Pequeno manual antirracista*, ao nos afirmar que ser antirracista é assumir uma postura incômoda, esclarece que é preciso estar atento às atitudes que tomamos e disposto a enxergar privilégios, o que significa, dentre outras coisas, segundo a autora,

[...] entender que a linguagem também é carregada de valores sociais, e que por isso é preciso utilizá-la de maneira crítica deixando de lado expressões racistas como “ela é negra, mas é bonita” – que coloca uma preposição adversativa ao elogiar uma pessoa negra, como se um adjetivo positivo fosse o contrário de ser negra -, usar “o negão” para se referir a homens negros – não se usa “o branco” para falar de homens brancos -, ou elogiar alguém dizendo “negro de alma branca”, sem perceber que a frase coloca “ser branco” como sinônimo de característica positiva. (Ibidem, 2019, pp. 39-40, grifos da autora).

Desse modo, Ribeiro (2019) endossa a análise de algumas expressões racistas que também foram estudadas em sala de aula durante o desenvolvimento da nossa proposta de intervenção ligada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), mostrando que certas frases tidas como corriqueiras, mesmo que metafóricas, ajudam a disseminar preconceito racial, como já analisado, e estar atento ao uso dessas expressões, de modo a evitá-las, é, segundo a autora, ser antirracista, por isso a importância de trabalhá-las criticamente na escola. E é justamente o trabalho que fizemos em sala de aula analisando o racismo presente em algumas frases que se encontra descrito a seguir.

2. Analisando frases racistas: traçando caminhos pedagógicos para desenvolver uma educação antirracista na escola

A atividade que se encontra descrita no presente tópico faz parte de uma das oficinas desenvolvidas em sala de aula, durante a realização de uma proposta de intervenção ligada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), cujo objetivo geral era diferenciar fato, opinião e discurso

de ódio, analisando posicionamentos preconceituosos. Contudo, entendemos que essa separação pode se mostrar problemática em alguns casos, já que o discurso de ódio pode fazer parte de uma opinião, ou até mesmo vir disfarçado de opinião, mas optamos por essa divisão com fins didáticos, de modo que alunos e alunas pudessem compreender quando algo que é visto meramente como opinião passa a revelar discriminação. Portanto, esclarecemos essa questão antes e durante as atividades, explicando que algumas opiniões podem carregar preconceitos e ajudar a fomentar a discriminação, mesmo que a pessoa não profira ou não tenha a intenção de proferir ofensas explícitas.

Nesse sentido, faz-se necessário distinguir liberdade de expressão de discurso de ódio, pois o direito a se expressar não pode se sobrepor ao direito à dignidade humana. Segundo Ribeiro (2018, p. 35, grifo da autora), “querer se valer do discurso da liberdade de expressão para destilar racismo [...] ou se esconder por trás do argumento ‘É minha opinião’ é criminoso”, pois racismo é racismo, não mera opinião, mesmo que venha disfarçado como tal, e deve ser combatido.

Dessa forma, mesmo entendendo que, de modo geral, o discurso de ódio pode ser definido como um discurso que “se caracteriza por incitar a discriminação contra pessoas que partilham de uma característica identitária comum, como a cor da pele” (SILVA *et al.*, 2011, p. 446), comumente por meio de ofensas verbais explícitas, nosso intuito com a oficina foi fazer com que o aluno fosse capaz de diferenciar uma opinião inofensiva de uma opinião racista, por exemplo, que se aproxima do discurso de ódio por fomentar a discriminação, mesmo sem proferir ofensas explicitamente.

Portanto, estávamos considerando também como discurso de ódio esse tipo de posicionamento preconceituoso, capaz de revelar racismo de forma velada, tendo em vista que “ideias racistas devem ser combatidas, e não relativizadas e entendidas como mera opinião, [...] ponto de vista diferente, divergência teórica. Ideias racistas devem ser reprimidas” (RIBEIRO, 2018, p. 39).

Assim, fizemos esses esclarecimentos em sala de aula, após retomar brevemente o que havia sido trabalhado nas oficinas anteriores, e passamos, então, a aplicar a primeira atividade da Oficina 4, “Será isso uma mera opinião inofensiva?”, que consistia na análise e na separação de trechos de notícias, comentários de internautas, dentre outros, em fato, opinião e discurso de ódio, no qual também se incluíam, como já especificamos, posicionamentos preconceituosos que revelam racismo de forma velada, tendo em vista que não podem ser vistos como mera opinião. É importante fazer menção a outros dois tipos de problemas sociais que também foram discutidos durante a realização da oficina: machismo e homofobia, mas cuja discussão fora suprimida para a apresentação neste trabalho, cujo foco consiste na análise de construções linguísticas racistas.

Passemos, então, à descrição de parte da atividade 2 da oficina, “Desconstruindo frases preconceituosas”, realizada em 23 de outubro de 2019, com a participação de 21 alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, e duração de 1h/aula, cujo objetivo específico foi analisar frases racistas, machistas e homofóbicas, relacionando-as ao discurso de ódio, tendo em vista que fomentam a discriminação e o preconceito, para que o aluno pudesse avaliar criticamente os seus usos.

Iniciamos as atividades do dia retomando as discussões realizadas na atividade anterior da oficina. Depois, a sala foi dividida em quatro grupos, e cada um recebeu quatro frases que são ditas comumente em nosso cotidiano sem que reflitamos sobre como ajudam a fomentar a discriminação racial, de gênero e por orientação sexual, pois revelam preconceitos de forma velada. Inicialmente, essas informações não foram passadas, pois o intuito era que os(as) estudantes analisassem as frases e dissessem se elas, de acordo com as discussões realizadas anteriormente, poderiam ser enquadradas como fatos, pois realmente aconteciam; como meras opiniões, visto que traziam apenas a visão de alguém sobre algum fato ou assunto; ou como discursos de ódio, pois se tratavam de falas que revelam preconceitos de forma velada, contribuindo com a discriminação de certos grupos de pessoas.

Mais uma vez, é importante salientar que, mesmo entendendo o discurso de ódio como aquele que, de modo geral, utiliza-se de ofensas explícitas para incitar a discriminação de certos grupos de pessoas, de acordo com características comuns, como a cor da pele (SILVA *et al.*, 2011), o objetivo era desconstruir frases que revelam ideias racistas, machistas e homofóbicas de modo implícito, quase que imperceptível, mas que são ditas em nosso dia a dia sem que reflitamos sobre isso, de forma que acabamos ajudando a fomentar discriminações sem nem percebermos.

Por isso, faz-se importante desnaturalizar essas ideias, e não tratá-las como meras opiniões, como afirma Ribeiro (2018). Nesse sentido, enquadramos as frases como discurso de ódio, para fazer com que o aluno refletisse sobre como elas ajudam a promover a discriminação de certos grupos sociais, e que, portanto, não devem ser utilizadas.

Ainda, é importante frisar que, a partir de uma pesquisa realizada pela professora, essas frases foram retiradas de publicações em sites de revistas, que traziam personalidades negras, mulheres e homossexuais expondo e comentando o que se escuta cotidianamente como se fossem falas normais, mas que, segundo essas personalidades que são vítimas de racismo, machismo e homofobia diariamente, são frases que ajudam a endossar essas problemáticas sociais, contribuindo para a construção e a disseminação de preconceitos, e que, portanto, devem ser extinguidas da nossa comunicação verbal, como já afirmamos.

Considerando que o intuito aqui é expor a análise de frases racistas, apresentaremos apenas as discussões pertinentes para esse fim, fazendo um recorte da atividade realizada. Eis, portanto, os dois conjuntos de frases racistas trabalhadas em sala:

Conjunto 1 – frases racistas I

“Você é negra, mas é bonita”

“Que serviço de preto você fez!”

“Neguinho é muito folgado!”⁴

“Não sou tuas nega!”

⁴ Entendemos que, no caso dessa frase, “neguinho” trata-se de um pejorativo, que pode ser usado para se referir a qualquer pessoa, independente da cor da pele e da raça; contudo, não podemos perder de vista que o diminutivo da palavra “nego”, a qual já é utilizada de modo negativo se comparada à “negro”, revela desprezo pela pessoa a quem é dirigido, justamente por se tratar de um pejorativo. Sendo assim, a frase associa ideias negativas ao negro duplamente, ao relacionar o adjetivo “folgado” ao diminutivo de “nego”, podendo ser dirigida a qualquer pessoa. A grande questão é: por que não se diz “branquinho é muito folgado”?

Conjunto 2 – frases racistas II

“Você é um negro de alma branca”

“Mas os próprios negros são racistas”

“A coisa tá preta”

“Senti uma inveja branca de você”⁵

Após a distribuição e a leitura das frases por cada grupo, demos alguns minutos para eles decidirem se, de acordo com as nossas discussões na atividade anterior, elas poderiam ser enquadradas mais apropriadamente como fatos, opiniões ou discursos de ódio. Depois, realizamos a leitura oral e coletiva de cada conjunto de frase, na ordem em que as colocamos acima, perguntando, em seguida, se as frases se aproximavam mais de fatos, opiniões ou discursos de ódio. Quando respondiam fato ou opinião, questionávamos por quê. Ainda, perguntamos se os alunos e alunas já ouviram ou disseram as frases lidas, se elas revelavam algum preconceito, e, em caso de resposta afirmativa, qual seria o preconceito, contra quais grupos de pessoas.

O grupo que recebeu as frases racistas do conjunto 1 disse se tratar de fatos, porque “são coisas que acontecem”. Afirmaram que já escutaram e já disseram essas frases, e que elas revelavam preconceito contra negros. O segundo grupo, responsável pelo segundo conjunto de frases racistas, disse tratar-se de opiniões, porque “falam uma visão a respeito da realidade”. Também disseram já ter ouvido e falado a maioria dessas frases, as quais, segundo eles, revelam preconceito contra negros.

Ao término da exposição dos grupos, passamos a analisar frase por frase, afirmando que todas elas não podem ser vistas como fatos ou meras opiniões, pois são falas que revelam ideias racistas de forma velada, e que, portanto, estávamos enquadrando-as como discursos de ódio, considerando que ajudam a endossar a discriminação racial. Rapidamente, passamos a problematizar as frases, observando como o racismo é revelado. Assim, analisamos que a frase:

1. “Você é negra, mas é bonita”, a qual o grupo sentiu dificuldade de reconhecer como racista, pois consideraram um elogio, traz a conjunção adversativa “mas” (conteúdo já explicado anteriormente nas aulas de Língua Portuguesa) unindo ideias supostamente contrárias, ou seja, parte do pressuposto de que negras não são bonitas;
2. “Que serviço de preto você fez!” é usada como sinônimo de serviço ruim, de preguiçoso;
3. “Neguinho é muito folgado!” parte da premissa de que todo negro é folgado;
4. “Não sou tuas nega!”, com a qual algumas meninas se identificaram, observando que apresentam o costume de usá-la quando querem impor respeito por parte dos meninos, quer dizer que “as nega” são qualquer uma, podem ser desrespeitadas, inferiorizando, assim, a mulher negra;

⁵ As frases foram retiradas e adaptadas de publicação que se encontra disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2019/07/nao-parece-mas-e-racismo-20-frases-para-extinguir-do-seu-vocabulario.html>. Acesso em: 20 out. 2019.

5. “Você é um negro de alma branca” geralmente é dita como um elogio, ou seja, para ser considerado como bom, o negro precisa ter algo que seja branco, e, se não é a pele, que seja a alma, se não é por fora, que seja por dentro;
6. “Mas os próprios negros são racistas” é utilizada para justificar o racismo, mas sabemos ser impossível os negros serem racistas, eles apenas reproduzem o racismo que lhes é introjetado cultural e socialmente, tendo em vista que não acreditam que sejam inferiores aos brancos, não concordam com o tratamento policial diferenciado para o negro, ou com o fato de que a maioria dos negros seja pobre e esteja na cadeia, por exemplo. Dito de outro modo: como nos explica Almeida (2019), o racismo é sempre estrutural, isto é, trata-se de uma estrutura de dominação e poder que privilegia brancos;
7. “A coisa tá preta” também é utilizada como sinônimo de algo ruim, querendo dizer que a situação está feia, precária;
8. “Senti uma inveja branca de você”, que afirmaram nunca ter ouvido, é dita como sinônimo de uma inveja “boa”, sem maldade. Resumindo: tudo o que é do negro é ruim, é feio; e o que está associado ao branco é bom, como vimos na discussão teórica do trabalho.

Para encerrar as atividades do dia, tentamos exibir um vídeo de Roger Machado⁶, à época, técnico do time de futebol brasileiro Bahia, mas acabou não dando certo, pois o áudio encontrava-se muito baixo, mesmo com a caixinha amplificadora. É importante ressaltar que esse vídeo foi escolhido pela professora com o intuito de chamar a atenção dos alunos e das alunas para a temática discutida, já que o universo futebolístico fazia parte dos interesses pessoais da maioria deles.

Então, seguimos explicamos que Roger problematizava, em sua fala, o racismo estrutural, ou seja, aquele que estrutura nossa sociedade, que coloca o lugar do negro como sendo a favela, sem educação de qualidade, dentro da criminalidade, enfim. Ao afirmarmos isso, alguns alunos reagiram com aversão, questionando, com revolta, qual seria o lugar do branco, e respondemos que seria justamente o contrário, pois o branco é o empresário, o universitário que estuda medicina, o rico, que tem poder. Eles compreenderam a diferença.

Kilomba (2019, p. 77) corrobora nossa fala, ao explicar o racismo estrutural afirmando que as pessoas negras “estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas”, pois ocupam lugares que representam a margem da sociedade, como as favelas, onde a maioria da população é negra. Mais do que isso: não ocupam lugares de poder, já que são minorias entre políticos, por exemplo. Ela segue: “Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestadamente seus *sujeitos brancos*, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes” (Ibidem, 2019, p. 77, grifo da autora).

Continuamos explicando a fala de Roger, o qual afirma que o racismo não se configura apenas como injúria racial, ou seja, como discurso de ódio, preconceituoso, que discrimina o negro, mas

⁶ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/video-tecnico-de-futebol-roger-machado-da-uma-aula-de-sociologia-ao-falar-do-racismo-no-brasil/>. Acesso em: 20 out. 2019.

principalmente como racismo estrutural. Sobre isso, Almeida (2019, pp. 20-1, grifo do autor) é contundente: “o racismo é sempre estrutural, ou seja, [...] é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade”. Segundo o autor, trata-se de um problema profundo, visto que “fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (Ibidem, 2019, p. 21), de forma que as expressões do racismo que ocorrem cotidianamente, tanto nas relações interpessoais quanto nas organizações institucionais, são manifestações desse problema.

Ainda, relembremos, em sala de aula, o conto *As mãos dos pretos*, de Honwana (2017), lido anteriormente durante a realização de outra oficina, e que mostra o racismo institucional, aquele que ocorre dentro das instituições que deveriam lutar contra o racismo, mas que o legitimam, fazendo com que as pessoas pratiquem-no cada vez mais, como a escola, a igreja. De acordo com Almeida (2019, pp. 37-8), a concepção institucional do racismo o mostra como “resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça”.

Sobre o racismo institucional, Kilomba (2019) nos explica que o termo demonstra o caráter institucionalizado do racismo, que não é uma problemática apenas ideológica. Segundo a autora, isso significa que há “um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas tais como em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça criminal, etc.” (Ibidem, 2019, pp. 77-8), de forma que brancos sejam privilegiados e apresentem vantagens com relação aos negros, que, por exemplo, sofrem mais com o desemprego. Almeida (2019, pp. 40-1) elucida muito bem essa dinâmica, acrescentando a questão de gênero:

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. [...] Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretorias de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos.

É importante ressaltar ainda que, para o autor, só é possível falar de racismo institucional graças ao vínculo que as instituições mantêm com a ordem social que lhes rege, já que elas “são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos” (Ibidem, 2019, p. 47). Dessa forma, o racismo das instituições reflete o racismo da sociedade, o qual, segundo Almeida (2019, pp. 52-3), é um processo político, já que, “como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político”, além de econômico, jurídico e ideológico, de modo que se mantenham desvantagens sociais, como a perda de vagas de emprego devido à cor da pele.

Para encerrar as atividades do dia, explicamos que os temas debatidos na oficina (na ocasião, não apenas racismo, mas machismo e homofobia também) foram escolhidos devido a sua relevância como problemas sociais que ainda são enfrentados no país, visto que, por exemplo, mesmo o racismo sendo considerado crime no Brasil, pessoas negras sofrem discriminação e são mortas em nossa sociedade. Assim sendo, alguma coisa está errada. É necessário, portanto, percebermos que esses são problemas reais, que não só existem, como estruturam nossa sociedade de forma profunda; então, devemos, primeiramente, nos policiar para que não ajudemos a propagar preconceitos, ter cuidado com o que falamos, observar nossas atitudes, o que compartilhamos na internet, além de ser necessário um debate e uma mudança política, social, cultural, econômica etc.

Avaliamos como exitosa a realização das atividades do dia, tendo em vista que conseguimos analisar o preconceito presente em falas discriminatórias, junto aos alunos e alunas, que se envolveram nas discussões, mostrando-se interessados e abertos ao diálogo, por considerarem importante debater em sala de aula sobre as temáticas escolhidas, o que, segundo eles(as), nunca havia acontecido anteriormente. Acreditamos ser muito relevante esse tipo de atividade, pois busca preparar o aluno para o convívio em sociedade, tornando-o apto a lidar com as diversidades, enquanto cidadão crítico e inteirado de seu papel social. Esse também consistia em um dos nossos objetivos com a realização do projeto como um todo.

Considerações finais

Educação antirracista se faz necessário diante de uma sociedade extremamente racista como o Brasil, onde oportunidades são negadas com base na raça, definida pela cor da pele, por traços físicos, os quais demarcam seu lugar social como sendo à margem, na periferia, excluído do mercado de trabalho. Numa nação composta majoritariamente por negros, e que possui um atual presidente da República que nega a existência do racismo no Brasil, faz-se urgente que as escolas possam trazer para a sala de aula discussões acerca de como o racismo opera no país, seja por meio de uma fala proferida, mas que poderíamos evitar, seja pela exclusão social, de modo que possibilitemos ao aluno compreender seu papel diante do combate a esse sistema de opressão.

Nesse sentido, buscamos, não só com a realização da atividade específica aqui descrita, mas com o desenvolvimento de todo o nosso projeto de mestrado profissional, debater sobre o racismo com a seriedade que o assunto pede, examinando obras necessárias para o entendimento e o enfrentamento da questão racial no Brasil, como o *Pequeno manual antirracista*, da filósofa Djamila Ribeiro. Porém, ainda obtivemos dificuldades em encontrar estudos no campo da Linguística que pudessem nos auxiliar na análise das frases racistas. Portanto, vê-se a necessidade de se estudar e pesquisar sobre essa problemática, que precisa ser discutida na academia, nas escolas, em todos os lugares. Afinal, “o racismo é discursivo”.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen Livros, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).
- HONWANA, Luis Bernardo. As mãos dos pretos. In: HONWANA, Luis Bernardo. *Nós matamos o cão tinoso*. São Paulo: Kapulana, 2017. (Coleção Vozes da África).
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- PAIVA, Vera Lúcia M. de O. e. Metáforas Negras. In: PAIVA, Vera Lúcia M. de O. e. (org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Met%C3%A1foras%20do%20Cotidiano.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SILVA, Rosane Leal da *et al.* Discurso de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. *Revista Direito GV*, São Paulo, v. 7, n. 2, pp. 445-68, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rdgv/v7n2/a04v7n2>. Acesso em: 13 mar. 2021.